



## 1- INTRODUÇÃO

O nome oficial da raça responde à toponímia da Serra do Marão. Outras designações mais populares aparecem, ainda localmente, tais como: Serrana, por ser a serra o principal espaço de criação; “penato”, que é toponímia do principal centro de comercialização, o concelho de Ribeira de Pena; e “gado carreiro”, pela sua elevada aptidão para o trabalho de tiro.

A raça é definida como local, uma vez que permanece praticamente circunscrita a uma única região, primitiva, já que conserva os principais caracteres do tipo ancestral, o Uro ou Auroque ibérico; natural, pela influência preponderante do meio ambiente na sua evolução; de montanha, devido à sua estatura média, esqueleto leve, unhas duras, movimentos fáceis e temperamento astuto; e rústica, pela sua perfeita adaptação ao meio ambiente.



## 2- ORIGEM, HISTÓRIA E EVOLUÇÃO

A origem e a evolução da raça Maronesa, só agora, com os recentes avanços técnico-científicos, principalmente na área da genética molecular, começam a ser decifradas. Até aqui, todos os juízos e opiniões confluíam para os escritos de LIMA (1919), e VALE (1907), os mesmos, por si só contraditórios. Assim, LIMA (1919), por razões de posicionamento geográfico e, eventualmente por algumas semelhanças plásticas em alguns animais infiltrados geneticamente pela raça Mirandesa ou Barrosã, atribuiu a origem do Maronês ao cruzamento entre estas duas raças. VALE começou, pelo contrário, por expressar em 1907, a opinião de que a “verdadeira raça” era a Maronesa, “por ser esta a que se aproximava mais do tipo primitivo”, para depois, em 1949, retrocede na sua opinião, e incluir o Maronês, também no grupo dos mestiços.

Actualmente, pelos resultados que se têm encontrado em vários trabalhos realizados no Departamento de Zootecnia da UTAD, a raça tende para uma arrumação filogenética em espaços suficientemente afastados das demais raças portuguesas, e para a confirmação da sua filiação no tronco étnico Negro Ortoide e, conseqüentemente, uma origem directa do *Bos primigenius*, que povoou a Península Ibérica quando do primeiro movimento dos bovinos em estado selvagem.

### 3- DESCRIÇÃO/PADRÃO DA RAÇA

Raça psiquicamente viva, morfologicamente de braquicefalia notória, eumétrica, mas de forte heterometria, mediolínea, de aloidismo ortoide na sua génese, embora seja frequente a sub-convexidade da fronte quando se manifesta a infiltração genética da raça Mirandesa, de tipo constitucional robusto e digestivo.

A forma corporal é rectangular nas fêmeas e nos machos jovens. Os machos adultos apresentam o terço anterior mais desenvolvido do que o posterior. A aparência é fina sem ser, contudo, frágil, uma vez que apresenta um forte carácter dinamoforo, nos tipos de montanha e, aparência mais robusta nos tipos de planície.

A cabeça é curta, seca e expressiva; ampla na porção craneal e larga na porção facial. A fronte é larga e com uma ligeira depressão central, mais evidenciada devido às protuberâncias orbitais. A marrafa é abundante, de pêlos curtos e lisos e de cor avermelhada. Os cornos sem em forma de lira e com inserção de tipo ortocero. Os olhos são grandes e ligeiramente salientes. As orelhas são bem inseridas. O chanfro é recto e o focinho é largo de cor preta e orlado de branco.

O pescoço, nos machos, é medianamente musculado e de bordo superior convexo; nas fêmeas é fino e direito. Para ambos os sexos, a barbela é bem desenvolvida, com pregas e de perfil contínuo desde o vértice do ângulo das entre ganachas, até ao cilhadouro.

O tronco é bem proporcionado, de cernelha ligeiramente saliente e linha dorso-lombar ligeiramente lordósica com a consequente elevação da região da cauda principalmente nos animais adultos. O peito é medianamente largo, o tórax é profundo e as costelas bem arqueadas. A garupa é larga na região

bi-iliaca e muito estreita na bi-isquiática. O ventre é grande e os flancos são extensos. A cauda é, normalmente, de inserção alta, medianamente grossa, de secção circular e regularmente encabelada.

O sistema mamário é bem desenvolvido com o úbere coberto de pêlos grandes e finos. Os tetos são grossos e com um desenvolvimento normalmente assimétrico.

Os membros são de longitude média, de ossos finos e de estrutura anatómica perfeita. As unhas são pequenas, duras e pigmentadas. Os aprumos são correctos.

A pele é medianamente elástica e grossa revestida de pêlos abundantes, grossos e lisos. As mucosas são pigmentadas.

A cor é, na sua origem, preta com listão dorsal avermelhado, embora predominem na actualidade, fêmeas castanhas, com graus de tonalidade escura em função das regiões corporais (pescoço, espádua e barbela, ventre e terço posterior), devido à influência genética, da raça Mirandesa.



#### 4- ÁREA GEOGRÁFICA

A base geográfica da exploração da raça bovina Maronesa, engloba fundamentalmente, duas regiões naturais – a do Alvão-Marão e a da Padrela - a primeira das quais abrangendo o maciço granítico do Alvão, a serra xisto-grauváquica do Marão, o vale da Campeã e a veiga de Vila Pouca de Aguiar, e a segunda coincidindo com o maciço montanhoso e a extensa plataforma planáltica da Padrela.

Morfologicamente dominam os níveis altimétricos do andar Montano (400 a 750 m) na Padrela (altitudes médias variando entre os 800 e 950 m), e, acima deste andar, na região Marão - Alvão, onde predomina o Altimontano e a configuração planáltica, embora se apresentem todas as outras formas de relevo.

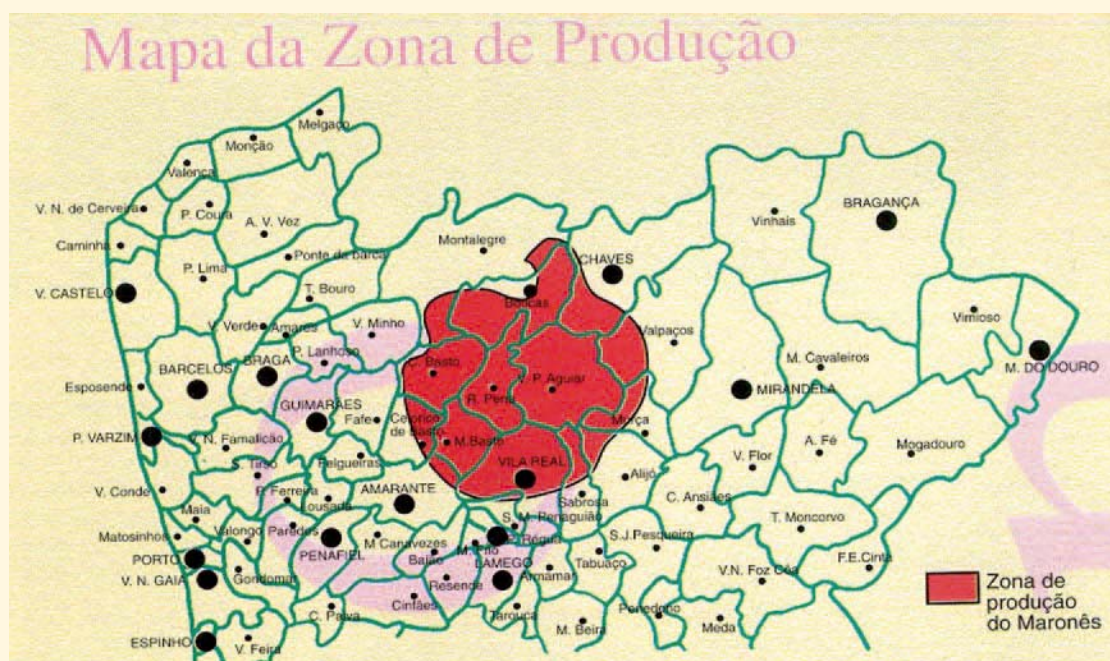
Climatologicamente as regiões são classificadas como sub-atlânticas, com características predominantes distribuídas pelas denominadas Terra Fria de Planalto e Terra Fria da Alta Montanha, conforme a

altitude e o exacerbar dos parâmetros climáticos.

A vegetação climácica é muito semelhante nas duas regiões, sendo a vegetação arbórea um misto dos vários agrupamentos florísticos subatlântico e oratlântico. Nas zonas mais baixas, dominam o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), o castanheiro (*Castanea sativa*), o videiro (*Betula celtiberica*) e o pinheiro silvestre (*Pinus sylvestris*). Nas maiores altitudes e, fundamentalmente, nas terras incultas, (monte), em consociação com espécies herbáceas, surgem os tojos (*Ulex* europeu e *Ulex minor*), a carqueja (*Chamaespartium tridentatum*), o sargaço (*Halimium allyssoides*), as urzes (*Erica australis* e *Erica tetralix*), a queiroga (*Erica umbelata*), a torga (*Calluna vulgaris*) e a giesta piorneira (*genista florida*).

Em termos de divisão administrativa estende-se pelos concelhos de, Alijó, Mondim de Basto, Murça, Ribeira de Pena, Vila Pouca de Aguiar e Vila Real, e, ainda, parte dos concelhos de Amarante, Boticas, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Chaves, Montalegre e Valpaços.

Mapa 1- Solar de criação, zona de expansão e região de produção da raça Maronesa.



**5- CENSOS ACTUAIS (DEMOGRAFIA)**

A população Maronesa distribui-se pelo seu solar de criação de uma forma muito heterogénea (quadro 1). Ribeira de Pena é o concelho onde o efectivo maronês assume maior representatividade no total do efectivo bovino (25,6%), estando Chaves no oposto, (0,1%). A importância de outras raças é fundamentalmente assumida pela Frísia, nos concelhos de Celorico de Basto, Vila Pouca de Aguiar, Chaves e Vila Real, pela Arouquesa, no concelho de Amarante, e pela Barrosã e vários tipos de cruzamentos, nos concelhos de Boticas e Montalegre.

A fraca representatividade da produção bovina nos concelhos de Alijó, Murça, Sabrosa e Valpaços, deve-se ao facto de a maioria do espaço agrícola ser ocupado pela cultura da vinha e, com

a mecanização, a presença de bois de trabalho, que eram na sua totalidade da raça Maronesa, ter ficado quase reduzida a zero.

Quanto ao número médio de animais por criador, verificam-se fracas diferenças de concelho para concelho, sendo o valor mais baixo encontrado em Amarante, com 1,1 bovinos por criador e, mais elevado, em Montalegre, com 6,0.



Concelhos	Criadores	Vacas adultas	Vacas/Criador
Alijó	42	73	1.7
Amarante	28	30	1.1
Boticas	58	156	2.7
Cabeceiras de Basto	105	490	4.7
Celorico de Basto	9	28	3.1
Chaves	1	7	7.0
Mondim de Basto	345	898	2.6
Montalegre	29	173	6.0
Murça	71	95	1.3
Ribeira de Pena	334	1546	4.6
Sabrosa	33	75	2.3
Valpaços	26	59	2.3
Vila Pouca de Aguiar	385	1247	3.2
Vila Real	465	1105	2.4
Totais	1931	5982	3.1

Quadro 1- Número de criadores e de animais activos inscritos no Livro de Adultos (2003)

## 6- SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO

O bovino Maronês é explorado num sistema complexo que tem por base um intrincado conjunto de factores agroecológicos, no meio, uma organização económica desajustada do modelo de economia de mercado e, no topo, um modelo de gestão com objectivos indefinidamente hierarquizados. Contudo, é possível, ainda que, eventualmente, com erros de sistematização, apresentar alguns pontos caracterizadores deste mesmo sistema. Assim, a dependência do animal das condições ambientais, isto é, das produções agrícolas que lhe servem de alimento, da estrutura fundiária minifundista e atomizada, da fisiografia e o relevo declivoso, dos regimes mistos de propriedade, da heterogeneidade de aptidão do solo e da irregularidade climática, levaram à semi-estabulação e a um regime alimentar, também, de forma mista, com domínio do pastoreio, no caso dos animais adultos, e à estabulação permanente, com o consequente regime alimentar à manjedoura, para os animais jovens.

A venda é efectuada por volta dos seis/ oito meses, sendo normalmente nessa altura que o vitelo é desmamado. A procura, por parte do talho, dos vitelos “mamotos”, impõe a prática do desmame tardio.

A reprodução faz-se, ainda predominantemente, por cobrição natural, com machos existentes em postos de cobrição particulares, a onde se deslocam as vacas. A inseminação artificial tem-se desenvolvido nos últimos anos, beneficiando no ano de 2005 30% das fêmeas adultas.

O ritmo reprodutivo é intensivo já que, mais de 90% das vacas são beneficiadas logo ao 1º cio pós-parto.

A idade média ao 1º parto é de  $828 \pm 114$  dias, com 25% das vacas a parirem antes dos 2 anos, como se pode ver pelo quadro 2.

Idade ao 1º parto	
Parâmetros	Idade
Média	828
D. Padrão	114,9
Coef. Variação	0,139
Máximo	1095
Mínimo	576
N	2570
Mediana	815
1º Quartil	739
3º Quartil	909

Quadro 2. Parâmetros estatísticos para a idade ao 1º parto

Como consequência dessas decisões os partos distribuem-se ao longo de todo o ano, embora com alguma irregularidade mensal.



## 7- CARACTERÍSTICAS PRODUTIVAS

Até à mecanização e motorização da agricultura e transporte, o maronês teve na aptidão trabalho a causa primeira da sua elevada valorização económica. Actualmente, a raça distingue-se na produção de carne, principalmente na carne de vitela, aptidão pela qual passou ser conhecida pelos consumidores mais exigentes.

Nesta produção, a informação disponível, resultante, tanto do controlo de performances nos criadores como nos dados recolhidos no matadouro, indica um peso de carcaça aos 8 meses, isto é ao desmame, de  $104,642 \pm 17,335$  Kg, com rendimentos em carne, extremamente interessantes, como mostra o quadro 3.

Número de animais	25
Classificação média	O2
Peso médio de Carcaça tipo (Kg)	98
Fralda osso	20,120
Costeletas	24,500
Pojadouro	6,245
Chã de Fora	7,445
Chambão	3,380
Pá	10,150
Lombelo	1,830
Alcatra	3,255
Rabadilha	3,825
Total	80,750

Quadro 3- Rendimento em carne de vitelos maroneses abatidos aos sete meses (Fonte: Agrupamento de Produtores de Carne Maronesa (2004).

Na esfera reprodutiva apresenta boa precocidade sexual (idade média ao 1º estro fecundante por volta dos 15 meses), razoáveis índices de fertilidade, ( $\pm 86,6\%$ ) e um intervalo entre partos de  $384 \pm 53$  dias.

Na análise da influência de cada uma das componentes desse intervalo (intervalo parto fecundação e duração da gestação) na sua duração, verifica-se que 96,8% da variação é explicada pela variação do intervalo entre o parto e a fecundação, o qual é excessivamente longo ( $101 \pm 32$  dias) e deve-se, fundamentalmente, à duração do anestro da lactação ( $92 \pm 30$  dias), o qual ultrapassa, em mais do dobro, o tempo fisiologicamente necessário ao restabelecimento da ciclicidade éstrica.

Quanto à habilidade materna, apresenta grandes facilidades de parto (apenas 5,3% dos partos necessitam de ajuda, representando a ajuda veterinária, apenas 2,9%) tem elevados dotes maternos com capacidade láctea mais que suficiente para permitir um bom ritmo de crescimento da cria, como se pode ver pelo quadro seguinte.

No que respeita à longevidade produtiva, verificou-se que 43,9 % das vacas atingem o 10º parto.





## **8- DESENVOLVIMENTO E MELHORAMENTO**

A Associação de Criadores do Maronês como entidade responsável pela gestão do Livro Genealógico desenvolve um conjunto de acções conducentes à melhoria sistemática das características, que na actualidade têm maior valor económico, concretamente:

- no segmento mãe, a adaptação ao meio, traduzida pela precocidade sexual, o intervalo entre partos e as qualidades maternas;
- no segmento pai, o perfil étnico, a fertilidade, a velocidade de crescimento e o rendimento e a qualidade da carcaça;
- no segmento filho, o peso ao desmame e o rendimento em carne.

O programa de melhoramento serve-se da informação, recolhida pelas equipas de campo que recolhem, nas explorações de toda a região, a informação reprodutiva, isto é, datas dos estros, beneficiações e partos,

e produtiva, concretamente, a evolução dos pesos ao longo da cria e recria e a respectiva informação do matadouro sobre a classificação da carcaça e o seu rendimento em carne.

## **9- PRODUTOS**

Sem menosprezar a importância económica que ainda tem a produção de trabalho, principalmente nas pequeníssimas explorações, o produto que assume já a maior importância comercial é a carne. Esta apresenta-se no mercado ainda através dos dois circuitos comerciais, o tradicional, com os intermediários e as feiras entre o produtor e o talhante, e o “certificado” desenvolvido pelo Agrupamento de Produtores.

Este último apresenta a carne em meias carcaças ou desmanchada em porções específicas embaladas em vácuo, devidamente rotulada, isto é, com identificação do matadouro, rótulo do agrupamento de produtores e selo de

certificação, e segundo três grandes tipos:

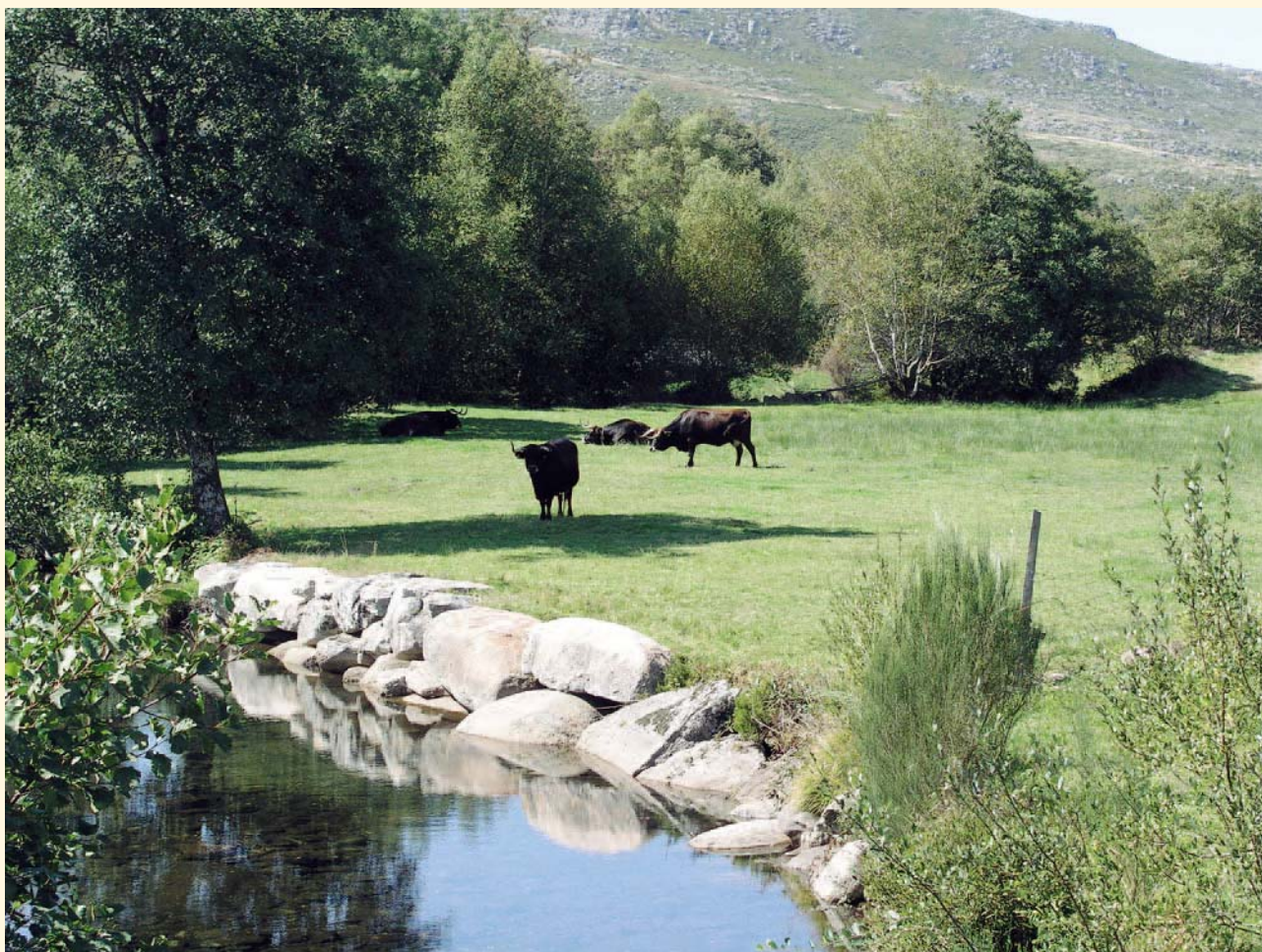
- Vitela – carne proveniente de animais abatidos entre os 5 e os 9 meses de idade, com peso de carcaça entre os 75 e os 130 kg;
- Novilho – carne proveniente de animais abatidos entre os 9 e os 24 meses de idade, com um peso de carcaça mínimo de 130 kg;
- Vaca – carne de animais abatidos entre os 2 e os 4 anos de idade com peso de carcaça entre os 200 e 300 kg.

As características desta carne são, na vitela, a cor rosa, com alguma gordura uniformemente distribuída e de cor branca, no novilho, com cor vermelha clara com moderada gordura intramuscular de cor marfim e músculo de grão finíssimo, com consistência firme e ligeiramente húmido; e na vaca, com cor vermelha escura, com forte gordura intramuscular de cor marfim e músculo com consistência firme e húmido. O aroma é simples e delicado, a suculência é extraordinária e o “flavor” é excepcional, proporcionando sensações olfactivas e gustativas ímpares.

### 10- DENOMINAÇÕES DE ORIGEM

A CARNE MARONESA – DOP, foi regulamentada por despacho 14/94; DR II Série de 26/01/94, Reg. (CE) nº 1263 de 02/07.





A fileira inicia-se nos criadores de animais inscritos no livro genealógico da raça, organizados na Associação dos Criadores do Maronês (A.C.M.), passa pelo agrupamento de gestão da Denominação de Origem Protegida – CARNE MARONESA, a Cooperativa Agrícola de Vila Real, C. R. L., que é a entidade detentora da marca comercial, e termina nos estabelecimentos comerciais credenciados para a venda desta carne.

A Associação de Criadores do Maronês foi criada em 30 de Setembro de 1988 e iniciou a actividade de registo dos animais da raça em 1989. Na actualidade engloba, à volta de 95% dos criadores da raça, (1831 criadores activos em 31 de Dezembro de 2005).

O Agrupamento de Produtores “CARNE MARONESA - DOP” é uma secção especializada da Cooperativa Agrícola de Vila Real, e tem por missão a gestão da marca “CARNE MARONESA”, isto é, a

aquisição dos animais aos produtores credenciados, o abate desses mesmos animais, a desmancha e embalagem em vácuo das suas carcaças, no matadouro da zona demarcada, e a comercialização directa aos consumidores ou a estabelecimentos credenciados para o efeito. A comercialização iniciou-se em Dezembro de 1999.

O processo de produção, desde o criador até ao consumidor, é controlado pela Tradição e Qualidade, a Associação Interprofissional para os Produtos Agro-alimentares de Trás-os-Montes). Esta entidade exerce o controlo logo no início do processo, começando por avaliar a acreditação do criador quando do seu pedido de adesão ao agrupamento de produtores, passando pelo controlo da produção, recolha, transporte e abate dos animais, desmancha das carcaças, embalagem e rotulagem das várias porções de carne.

### BIBLIOGRAFIA:

- ALVES, V. C., 1993. Estudo Sobre a “Raça Bovina Maronesa”. Situação Actual e Perspectivas Zootécnicas. Tese de doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- BELDA, A. S., 1984. Razas Bovinas Españolas. Publicaciones de Extensión Agraria. M.A.P.A., Madrid.
- CARTA DOS SOLOS E CARTA DO USO ACTUAL E DA APTIDÃO DA TERRA DO NORDESTE, 1991. UTAD/PDRITM, Vila Real.
- DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇO PECUÁRIOS, 1941. Arrolamento Geral de Gados e Animais de Capoeira. Tipografia Leitão, Porto.
- GARCIA, M. L. G., ROSÁRIO, J.P., ANTUNES, T.M., 1981. Bovinos em Portugal. Direcção Geral Serviços Veterinários.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE), 1979. Arrolamento Geral de Gados. Lisboa.
- LIMA, S. BERNARDO, 1873. Recenseamento Geral dos Gados no Continente do Reino de Portugal em 1870. Capitulo III. Imprensa Nacional, Lisboa.
- LIMA, S. BERNARDO, 1919 “Bovídeos e Suídeos”, Escritos de Silvestre Bernarndo de Lima, Boletim do Ministério de Agricultura, Direcção de Instrução Agrícola, Ano I, N°7, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- PEREIRA, J. LIMA; ALMEIDA, ORLANDO, 1976-1977. Desenvolvimento da Bovinicultura Regional, Desenvolvimento da Bovinicultura e ovinicultura, sub-região interior (Trás-os-Montes), Vila Real, Instituto Politécnico de Vila Real.
- TIERNO J. F., 1904 “O Gado Bovino Mirandês”, Dissertação Inaugural no Instituto de Agronomia e Veterinária, Lisboa, Imprensa Nacional.
- TIERNO, J. F, 1908. Notas sobre Portugal. Indústria Pecuária. Imprensa Nacional, Lisboa.
- VALLE, J. MIRANDA (1907) “Bovideos Portugueses”, Subsideo para o Estudo da Pecuária Nacional, Lisboa.

